

LEITURA E LETRAMENTO DIGITAL: OS DÊITICOS TEMPORAIS E O EFEITO DE ARQUIVAMENTO NAS MÍDIAS SOCIAIS

LECTURA Y LITERACIDAD DIGITAL: LOS DEÍCTICOS DE TIEMPO Y EL EFECTO DEL
ARCHIVO EN LOS MEDIOS DE COMUNICACIÓN SOCIALES

DIGITAL READING AND LITERACY: TIME-BASED DEICTICS AND ARCHIVING EFFECT ON
SOCIAL MEDIA

Anderson Ferreira*

Universidade Federal do Espírito Santo

Cristiane da Silva Ferreira**

Instituto Federal de Mato Grosso

RESUMO: Este artigo examina os dêiticos temporais na produção da leitura, de modo a focalizar o processo de produção, circulação, irradiação, coprodução, memorização e arquivamento dos discursos nas mídias sociais no quadro de letramentos digitais. Optamos por um aporte teórico-metodológico interdisciplinar, fundamentado na perspectiva dos letramentos (KLEIMAN, 2007; SOARES, 2009; STREET, 2014), do letramento digital (BUZATO, 2007) e dos multiletramentos (ROJO; MOURA, 2012; ROJO; BARBOSA, 2015), e da Análise do Discurso em sua perspectiva enunciativo-discursiva (MAINGUENEAU, 1997, 2006, 2008, 2013, 2015, 2016).

* Doutor em Língua Portuguesa pela PUC-SP, com estágio-sanduíche pela UMinho-ILCH, Portugal (CAPES/PDSE). Pós-doutorado em Língua Portuguesa pela PUC-SP. Atualmente, realiza estágio pós-doutoral na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES/PPGEL), com bolsa PNPd/CAPES. E-mail: andersonferreiras94@gmail.com.

** Doutora em Língua Portuguesa pela PUC-SP. É professora EBTT de Língua Portuguesa no IFMT- Campus Cuiabá. E-mail: crissilfer@outlook.com.br.

Selecionamos como *corpus* de análise um vídeo do médico brasileiro Drauzio Varella, produzido em sua mídia social e desarquivado, para servir aos propósitos de sujeito-usuários em outro tempo e espaço ideológicos. Como *corpus* de apoio mobilizamos textos em circulação nas mídias sociais, com vistas a desenvolver a problemática dos dêicticos temporais nos gestos de (des)arquivamento.

PALAVRAS-CHAVE: Letramento digital. Dêixis temporais. Arquivamento.

RESUMEN: Este artículo examina los dêicticos de tiempo en la producción de lectura, para enfocarse en el proceso de producción, circulación, irradiación, coproducción, memorización y archivo de discursos en medios sociales en el marco de literacidades digitales. Optamos por un enfoque teórico-metodológico interdisciplinario, basado en la perspectiva de literacidades (KLEIMAN, 2007; SOARES, 2009; STREET, 2014), la literacidad digital (BUZATO, 2007) y las herramientas múltiples (ROJO; MOURA, 2012; ROJO; BARBOSA, 2015), así como el Análisis del discurso en su perspectiva enunciativa-discursiva (MAINGUENEAU 1997, 2006, 2008, 2013, 2015, 2016). Seleccionamos como *corpus* de análisis un video del doctor brasileño Drauzio Varella, producido en sus medios sociales y sin archivar, para servir a los propósitos de sujeto-usuarios en otro tiempo y espacio ideológico. Como *corpus* de apoyo, movilizamos textos en circulación en los medios sociales, con el objetivo de desarrollar la problemática de los dêicticos de tiempo en los gestos de (des) archivo.

PALABRAS CLAVE: Literacidad digital. Dêixis de tiempo. Archivado.

ABSTRACT: This article examines the temporal deictics in the production of reading, in order to focus on the process of production, circulation, irradiation, coproduction, memorization, and archiving of speeches in social media within the framework of digital literacies. We opted for an interdisciplinary theoretical-methodological approach, based on the perspective of literacies (KLEIMAN, 2007; SOARES, 2009; STREET, 2014), digital literacy (BUZATO, 2007), and multi-tools (ROJO; MOURA, 2012; ROJO; BARBOSA, 2015); and Discourse Analysis in its enunciative-discursive perspective (MAINGUENEAU, 1997, 206, 2008, 2013, 2015, 2016). We selected as a *corpus* of analysis a video by the Brazilian doctor Drauzio Varella, produced on his social media and unarchived, to serve the purposes of subject-users in another time and ideological space. As a support *corpus*, we mobilize texts in circulation on social media, in order to develop the problem of temporal deictics in (de) archiving gestures.

KEYWORDS: Digital literacy. Temporal deixis. Archiving.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este artigo estuda os dêicticos temporais na produção da leitura, focalizando os processos de produção, circulação, irradiação, coprodução, memorização e, em particular, os modos de arquivamento dos discursos nas mídias sociais. Assim, damos destaque ao que chamamos, provisoriamente, de “efeitos de arquivamento”. Em razão de nossa experiência em sala de aula, apoiamos-nos num aporte teórico-metodológico interdisciplinar que contempla o diálogo com a perspectiva da leitura discursiva (FERREIRA, 2018; FERREIRA; FERREIRA; NASCIMENTO, 2018; FERREIRA; FERREIRA, 2018); os estudos dos letramentos (SOARES, 2009; KLEIMAN, 2007; STREET, 2014); os letramentos digitais (BUZATO, 2007; ROJO; MOURA, 2012; ROJO; BARBOSA, 2015); e a Análise do Discurso de linha francesa, em sua perspectiva enunciativo-discursiva, em particular, a praticada por Maingueneau (1997, 2006, 2008, 2013, 2015, 2016); esta última aporta, essencialmente, a noção de dêixis discursiva e a categoria de cenografia.

A presente discussão tem lugar numa perspectiva de leitura cujo cenário de ensino-aprendizagem vem sendo construído de forma radicalmente diferente daquela dos protocolos escolares. Trata-se de um cenário em que a informação digitalizada, além de produzir um efeito global ou globalitário (SANTOS, 2000), produz um efeito de ubiquidade. A impressão, de fato, é que o conhecimento “[...] é relativamente fácil, imediato, onipresente e acessível” (PÉREZ GÓMEZ, 2015, p. 15). O fluxo contínuo e hipertrofiado de informações afeta, entre outras coisas, os modos de produção, circulação, irradiação, coprodução, memorização e arquivamento dos discursos. Em particular, no espaço da internet, cada vez mais a tomada de palavra (VATTIMO, 1992) incita nos sujeitos a participação técnico-discursiva na vida cidadã.

Porém, é necessário admitir que o efeito de ubiquidade da informação digitalizada evoca novos gestos de leitura mais “interventores”: é a vida cidadã que atravessa um espaço e tempo inapreensíveis. Com efeito, o volume virtualmente infinito da informação causa certo desconcerto, perplexidade, desorientação; mas também traz diversas possibilidades de

coprodução/intervenção na materialidade linguístico-discursivo-semiótica no mundo digitalizado. Os sujeitos-usuários realizam o desejo (o efeito?) de “estar no mundo”. Em busca de transformação ou conservação do *status quo*, a participação social, política, ecológica, religiosa e cultural, exercida no campo do embate, se efetua, muitas vezes, pela estratégia da (des)informação generalizada. Evocando essas percepções, construímos o *corpus* de análise do presente artigo por meio de um efeito social e político causado pelo deslocamento (intervenção/coprodução?) de um arquivo de vídeo da mídia social *YouTube*. Tratou-se de um caso emblemático no cenário da pandemia da COVID-19, em que um vídeo informativo postado pelo médico brasileiro Drauzio Varella, em seu canal no *YouTube*, em janeiro de 2020, foi lido e desarquivado do seu espaço, tempo e *médium* “legítimos”. Deste caso, que trataremos com mais vagar nas análises, importava-nos problematizar não apenas as práticas discursivas em torno da “polêmica” que se instaurou, mas, nomeadamente, a relação entre a dêixis discursiva, as cenografias e os modos de arquivamento dos discursos no âmbito das mídias sociais.

Para iluminar a relação entre arquivamento e dêixis discursiva, construímos um *corpus* de apoio, mobilizando textos, tomados como discurso, que circulam entre mídias sociais.¹ Com isso, retomamos as discussões acerca da dêixis discursiva no quadro da Análise do Discurso de linha francesa (MAINGUENEAU, 1997), focalizando, em especial, os dêiticos temporais. Nosso *corpus* de apoio tem como objetivo explorar os gestos de leitura possíveis diante dos novos modos de arquivamento em tempo de saturação da informação (PÉREZ GÓMEZ, 2015) e apagamento dos referentes espaço-temporais.

Afora as considerações iniciais e finais, a discussão teórico-metodológico do presente artigo foi desenvolvida na segunda e terceira seções; esta última abriga, ainda, o *corpus* de apoio que construímos. A apresentação mais detalhada do “caso” do vídeo do médico Drauzio Varella, bem como as análises em tornos dos efeitos de arquivamento deste caso, foram realizadas na quarta seção. O presente trabalho inscreve-se nas discussões sobre a leitura em sua perspectiva enunciativo-discursiva no quadro dos letramentos digitais.

2 O ENSINO DE LEITURA: LETRAMENTOS E LETRAMENTOS DIGITAIS

Em nossa prática docente, temos optado por tomar o ensino da língua materna no quadro dos eventos de letramentos (SOARES, 1990, 2009; KLEIMAN, 2007; STREET, 2014). Essa postura vislumbra novos contornos no ensino da leitura, que não mais se contenta em responder a uma demanda interpretativa do texto, tampouco em lançar um olhar acrítico aos modos de produção, circulação, irradiação, coprodução, memorização e arquivamento dos discursos. Assumir o ensino da leitura no quadro dos eventos de letramentos resulta necessariamente, como defendem Kleiman (2007) e Street (2014), na adoção da leitura e da escrita em seu uso social, considerando toda a sua complexidade em relação aos efeitos sociais na produção de sentidos. Assim como uma situação comunicativa, os eventos de letramento envolvem práticas coletivizadas, com saberes e valores diversos, mobilizados por diferentes sujeitos de modo cooperativo, “[...] segundo interesses, intenções e objetivos individuais e metas comuns” (KLEIMAN, 2007, p. 5), considerando-se o letramento “[...] como prática social e numa perspectiva transcultural” (STREET, 2014, p. 17).

Por sua vez, o ensino da leitura, numa perspectiva enunciativo-discursiva, incita-nos a colocar em foco a dêixis discursiva, que colabora com o processo de produção e negociação dos efeitos de sentido. Porém, diante dos efeitos sociais que o gesto de (des)arquivamento de arquivos nas mídias sociais produzem, passamos a adotar a leitura em seu uso social e seus efeitos como implicações político-ideológicas (STREET, 2014). Em debate em sala de aula, a problemática em análise nos motivou a refletir sobre o gesto técnico-discursivo de coprodução no movimento de deslocamento, intervenção e/ou tradução por meio de suportes tecnológicos.² Dito de outra forma, passamos, no quadro dos eventos de letramentos, a examinar as maneiras pelas quais a dêixis discursiva se rearranjava nesses deslocamentos/desarquivamentos. Assim, foi possível destacar a dimensão sociocultural dos letramentos digitais e acatar seu pressuposto enunciativo-discursivo (BUZATO, 2007). Essa atitude se fez necessária em razão das exigências da sociedade contemporânea em relação à textualização/mediatização dos discursos.

Cada vez mais, temos presenciado a convergência entre as várias linguagens, “[...] tanto em veículos impressos como, principalmente, nas mídias analógicas e digitais”, conforme ressaltam Rojo e Barbosa (2015, p. 108). E não se trata apenas de

¹ Em particular, a mídia social *WhatsApp*.

² Trataremos esses suportes como *médiuns* digitais.

contemplar textos multifacetados no ensino da leitura, é preciso considerar que essa hipertrofia multimodal possibilita novos gestos de leitura. Por isso, é necessário, também, colocar em foco na produção da leitura a relevância dos *médiuns* (DEBRAY, 1993; MAINGUENEAU, 2006, 2013) no processo de textualização dos discursos e especificar de que maneira os quadros dêiticos presentes na enunciação são iluminados ou apagados no (des)arquivamento dos discursos.

Nos termos de Pérez Gómez (2015, p. 18), diríamos que “[...] uma vez que a informação é produzida, consumida, atualizada e alterada constantemente, novas práticas de leitura, escrita, aprendizagem e pensamento, por exemplo, evoluem com ela”. Tomando a informação como discurso, diríamos que os modos de arquivamento da materialidade linguístico-discursivo-semiótica nas mídias sociais liberam gestos de coprodução que ressignificam as dêixis discursivas e as dêixis fundadoras, das quais falaremos mais adiante. É preciso, então, em uma perspectiva social do ensino, evidenciar os efeitos socioculturais da leitura e da produção de textos/discursos em relação às suas dimensões linguísticas e extralinguísticas.

Nos processos de interação didática de sujeitos frente ao ensino e à aprendizagem de língua materna (NASCIMENTO; FERREIRA, 2016), faz-se necessário observar a presença, a influência e a irradiação das tecnologias digitais na produção da leitura. Por isso, não são apenas as técnicas e as tecnologias *per se* que precisam ser dominadas, é premente descortinar o acesso aos saberes (e poderes) do mundo digital. Já não basta elencar, na produção da leitura, um questionário de conteúdos, tampouco dominar as funcionalidades dos objetos para trafegar nas redes. Conforme argumenta Buckingham (2010, p. 49), é preciso ser capaz “[...] de avaliar e usar a informação de forma crítica se quiserem transformá-la em conhecimento. Isso significa fazer perguntas sobre as fontes dessa informação, os interesses de seus produtores e as formas como ela representa o mundo, compreendendo como estes desenvolvimentos tecnológicos estão relacionados a forças sociais, políticas e econômicas mais amplas.”

Ao que acrescentamos: devemos ser capazes de fazer perguntas sobre as condições de enunciabilidade do discurso e seus modos de produção, circulação, irradiação, coprodução, memorização e arquivamento. Além disso, esses modos exigem o desenvolvimento de habilidades e critérios de curadoria e de apreciação ética e estética.

Nesse contexto, um conceito oriundo do mundo das artes, **a curadoria**, vem sendo cada vez mais usada para designar ações e processos próprios do universo das redes: tanto conteúdo e tanta informação abundante, dispersos, difusos, complementares e/ou contraditórios e passíveis de múltiplas interpretações, precisam de reordenamentos que os tornem inteligíveis e/ou que os revistam de (novos) sentidos. Curadoria implica sempre em escolhas, em seleção de conteúdos/informações, na forma de organizá-los, hierarquizá-los, apresentá-los etc. (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 123-4, destaque das autoras)

Essa abordagem oportuniza, conforme acrescentam Rojo e Moura (2012, p. 8), um “[...] enfoque crítico, pluralista, ético e democrático”. Nesse sentido, cabe à escola – agência de letramento por excelência em nossa sociedade (KLEIMAN, 2007, p. 4) – discutir uma concepção mais abrangente de leitura, de modo a ressignificar o espaço da sala de aula e iluminar a relação da leitura com os sujeitos-leitores e as tecnologias digitais, dando vazão, no bojo da prática social, a outros letramentos, sobretudo os letramentos digitais.

O letramento implica “[...] a ideia de que a escrita traz consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, ecológicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la” (SOARES, 2009, p. 17). De fato, os eventos de letramento, aliados a diversas áreas do conhecimento, vêm sendo aplicados com o propósito de especificar os diferentes aspectos que os sujeitos estão envolvidos na produção da leitura e da escrita. Como define Soares (2009, p. 39), o letramento é “[...] o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”. Portanto, o letramento é a condição que um sujeito ou um grupo adquire em decorrência de sua apropriação da escrita e suas práticas sociais³.

³ Street (2014) adverte que a ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita tem sido, em muitos quadros de escolarização, tomada como neutra, de forma a construir e interiorizar um modelo de letramento autônomo, segundo o qual o letramento seria uma habilidade neutra e técnica, desinteressada politicamente.

A elasticidade do conceito de letramento (que engloba vários letramentos) permite-nos operar no campo das práticas sociais de leitura e escrita em relação ao ensino de língua materna, tentando, aqui, não cair na armadilha descrita por Street (2014), a qual comentaremos adiante. Esse movimento assinala o estatuto ideológico e político do uso da língua escrita e focaliza outras práticas de letramento no quadro geral da prática de alfabetização, reconhecida como uma entre outras práticas de letramento em nossa sociedade. Nisto, Rojo e Moura (2012) consideram a ideia de letramentos múltiplos, visto que apontam para uma multiplicidade e variedade de práticas letradas.

Nessa senda, Barbosa e Rojo (2015) propõem considerarmos os multiletramentos, que, segundo elas, englobam a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica. Fazendo a ressalva da “armadilha”, Street (2014) considera o conceito de multiletramentos crucial para contestar o modelo autônomo de letramento, contudo, o autor aborda “[...] as dificuldades que têm surgido com o conceito de multiletramentos – conceito crucial para contestar o modelo autônomo, mas que começa a sofrer descrédito à medida que cada observador oferece seus próprios critérios para letramentos diferentes e que metáforas e extensões do termo se afastam cada vez mais das práticas sociais de leitura e escrita”.

No caso vertente, para contemplar a multissemiose da materialidade textual, procuramos operar no quadro dos letramentos digitais, aceitando, como dissemos, seu pressuposto enunciativo-discursivo (BUZATO, 2007).

Os letramentos digitais consistem em uma mudança, no sentido de transformar a maneira pela qual os sujeitos produzem suas leituras e escritas em condições socioculturais que exigem, mais e mais, que tornemos claro o poder de irradiação e os efeitos sociais das tecnologias digitais. Em particular, no ensino da leitura, os letramentos digitais visam fornecer ao sujeito-aluno caminhos para que se torne um “letrado digital”, de forma a se comunicar e interagir em diferentes situações e com os mais variados propósitos, procedendo a uma interação não apenas autônoma, mas também ética e estética no espaço digital da internet.

Não obstante, os novos tempos impuseram desafios bastante expressivos no campo da educação. Um deles é que os *médiuns* digitais mudaram consideravelmente os modos de produção, circulação, irradiação, coprodução, memorização e arquivamento, construindo novas formas textualização dos discursos, que, no atual momento, podem ser “atualizados” em seu estatuto hipermodal (LEMKE, 2002). No quadro da Linguística Textual, por exemplo, um dos maiores desafios, como lembra Oliveira (2010), tem sido definir seu objeto de análise: o texto.

Porém, não basta apenas proclamar uma materialidade linguístico-discursiva à condição de texto. Os novos modos de produção, circulação, irradiação, coprodução, memorização e arquivamento dos discursos, no bojo das mídias sociais, possibilitam a manipulação, por um número virtualmente ilimitado de sujeitos, de textos que ali circulam, isto é, na produção da leitura, no quadro dos letramentos digitais, não basta saber que um texto é texto. Como lembra Buzato (2007, p. 117, destaques do autor), “[...] as relações entre o linguístico e o gráfico/visual passam de ‘problema residual’ a estratégia central por meio da qual o autor e o intérprete realizam sua *vontade discursiva*”.

Aceitando o pressuposto enunciativo-discursivo no quadro dos letramentos digitais, é preciso, então, destacar as convergências do linguístico e do extralinguístico na produção e negociação dos efeitos de sentido. Nesse particular, estamos de acordo com Lemke (2002, p. 302), que assume

[...] a posição de que, fundamentalmente, toda semiose é multimodal (KRESS e VAN LEEUWEN, 1996; MITCHELL, 1994): não se pode produzir sentidos que sejam compreendidos apenas por meio de um sistema de recursos semióticos estanques. Mesmo que para muitos propósitos seja possível distinguir o sistema semiótico-linguístico do sistema de representação ou apresentações gráfico-visuais, e esses de outros como o sistema sonoro-musical, ou o acional-comportamental, o fato de que todos os significantes são fenômenos

⁴ Citados por Buzato (2007).

materiais significa que seu potencial de sentido (signifying) não pode ser esgotado por qualquer sistema de características contrastantes para a produção e análise do sentido⁵.

Uma dessas convergências – que, diga-se de passagem, não está dada à leitura – é a atuação da dêixis discursiva no movimento de deslocamento do arquivo discursivo no tempo e no espaço. Esse fenômeno que chamamos provisoriamente de “efeito de arquivamento” não funciona apenas para reativar, no momento da enunciação, uma fala de outrora, como procedem, por exemplo, os produtores de campanhas políticas contra seus adversários no pleito eleitoral. Ele tem o mérito de produzir outros efeitos de sentido a essa mesma fala, ou, como veremos, a uma dêixis discursiva; graças, também, à maneira pela qual o arquivo é “arquivado” no ambiente digital.

Esse modo de arquivamento afetou a maneira pela qual o arquivo é encontrado e atualizado na internet: dizem “a internet tem tudo, basta dar um *Google*”.⁶ Na verdade, mesmo que não se possa encontrar tudo na internet, a materialidade virtualmente infinita lá presente é suficiente para alimentar a coprodução dos discursos, que não apenas [re]textualiza o que está em plena circulação, mas também determina o desarquivamento daquilo que, de certo modo, estava esquecido. Logo, mediante a um gesto técnico-discursivo, o produtor e o coprodutor realizam sua vontade discursiva (BUZATO, 2007) por meio dos letramentos digitais.

É que os letramentos digitais afetam e são afetados pela cultura na qual são incorporados. O uso das tecnologias interfere nas relações socioculturais, embora se constitua dessas/nessas relações. A noção de tempo e espaço, por exemplo, sofre mutações no movimento geral de virtualização (LEVY, 1996). De fato, as tecnologias têm propiciado “[...] um rompimento nas barreiras espaço-temporais, tornando-se possível, sob a mediação de uma tecnologia digital, estar em diferentes tempos e espaços ao mesmo tempo”, como lembra Rezende (2016, p. 101).

Nesse ponto, mesmo ponderando sobre a precisão do termo “crítico”, concordamos com Buzato (2007) quando ele afirma que um modelo de letramento digital deve ser, sobretudo, um modelo de letramento crítico.

Deve se ater menos às especificidades dos conjuntos de habilidades e tecnologias relacionadas à leitura e a escrita digitais, até porque esses itens mudam com mais rapidez do que os inventários teóricos e soluções prescritivas são capazes de suportar, e mais com o que Freire (2002) qualifica como a possibilidade do leitor/ produtor de textos digitais assumir um papel de sujeito, tornar-se um leitor-produtor, capaz de reinventar aquilo que lê, de perceber os condicionamentos ideológicos daquele discurso e as maneiras pelas quais a linguagem (nesse caso, as linguagens) estão agenciadas, em cada caso, a favor ou contra aqueles condicionamentos. (BUZATO, 2007, p. 123-4)

Nesse sentido, ao sujeito-aluno-produtor, ou ao “letrado digital”, é necessário dar acesso aos meios materiais e tecnológicos, aos seus saberes e conhecimentos e, em especial, às formas de transformação social e filosófica capazes de lhe atribuir um novo sentido a sua existência, bem como dar-lhe os meios para construir a sua autonomia, investir na pluralidade de ideias e enfrentar a alteridade, sabendo que o diálogo é o meio mais eficaz na democracia para agir no campo da divergência e do embate.

A esse respeito, apresentamos a seguir uma proposta que inclui considerar, no quadro dos letramentos digitais, uma perspectiva enunciativo-discursiva de leitura. Para tanto, neste trabalho, mobilizamos a problemática da atualização do espaço-tempo na

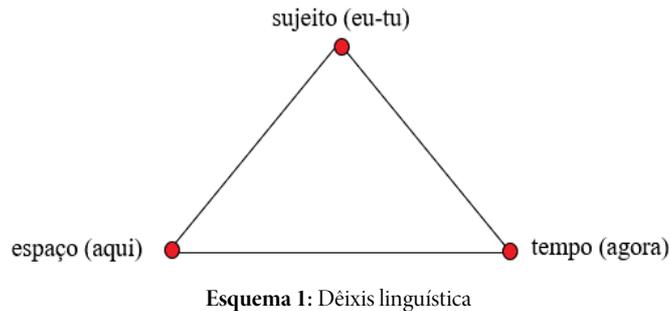
⁵ No original: “I take the position that, fundamentally, all semiosis is multimodal (KRESS and VAN LEEUWEN, 1996; MITCHELL, 1994): you cannot make meaning that is construable through only one analytically distinguishable semiotic resource system. Even if for many purposes we analytically distinguish the linguistic semiotic system from that of depiction or visual-graphic presentations, and both from others such as the music-sound system or the behavioral-action system, the fact that all signifiers are material phenomena means that their signifying potential cannot be exhausted by any one system of contrasting features for making and analyzing meaning”.

⁶ A ideia de que a internet seja, de certa forma, um lugar onde os usuários podem encontrar um conjunto, virtualmente, ilimitado de textos, imagens vídeos etc. é bastante significativa. A metáfora do arquivo, neste caso, é útil, pois compreende-se por arquivos um conjunto de documentos escritos, fotográficos, microfilmados, dentre outros, mantidos sob a guarda de uma entidade pública ou privada. No caso da internet, a guarda dessa materialidade multissemiótica fica a cargo menos de entidades públicas ou privadas e mais de mecanismos técnicos de acesso fornecidos aos usuários (baixar, encaminhar, ocultar, excluir), circunscritos, em última instância, ao direito autoral no bojo do campo jurídico.

enunciação. Focalizamos aqui a noção de dêixis discursiva, que se constitui pelas instâncias de enunciador-coenunciador, tempo (cronografia) e espaço (topografia).

3 AS DÊIXIS DISCURSIVAS

Na língua, as dêixis definem as coordenadas espaço-temporal na enunciação. Trata-se de um conjunto de referências composto da seguinte forma:



Em nossa proposta, partimos da dêixis discursiva na forma como é definida por Maingueneau (1997), inscrevendo-a no quadro dos letramentos digitais. Para o linguista francês, a dêixis discursiva possui a mesma função da dêixis linguística (Esquema 1), porém, se manifesta na cenografia, isto é, no “[...] universo de sentido que uma formação discursiva constrói através de sua enunciação (MAINGUENEAU, 1997, p. 41). Em outras palavras, o enunciador e o coenunciador (sujeitos do discurso), a cronografia (tempo) e a topografia (espaço) se manifestam no momento mesmo da produção da leitura. Vejamos o exemplo (Figura 1) a seguir:

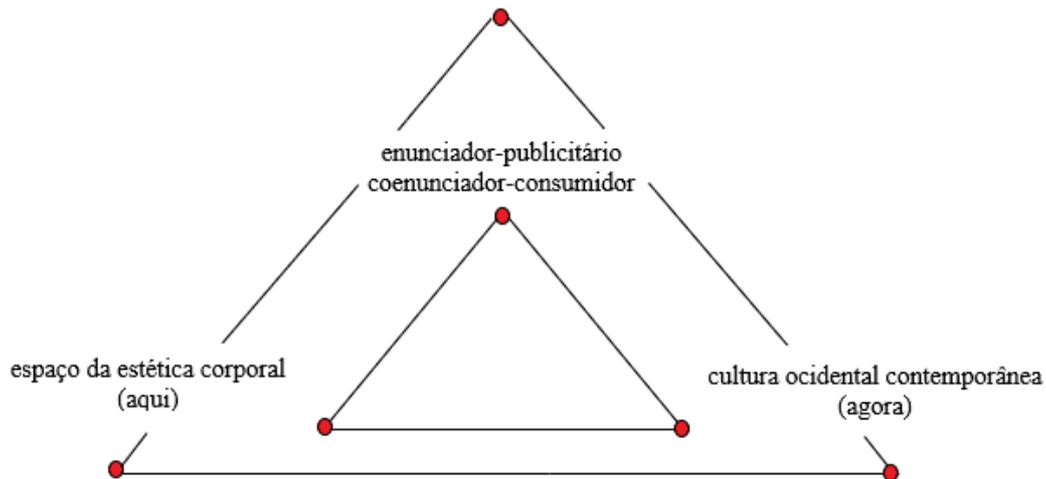


Figura 1: Sistema Timewise

Fonte: Arquivo pessoal

No discurso publicitário (Figura 1), os sujeitos são o enunciador-publicitário que se dirige a um coenunciador-consumidor em potencial, “você”, “você é responsável pela sua beleza”. A cronografia é marcada pelo dêitico temporal “hoje”, em “comece hoje a cuidar de vc”. Por sua vez, a topografia, “[...] não se referindo, exatamente, aos lugares de onde os sujeitos interagem, encarrega-se de delimitar o território desses sujeitos, qual a posição que deve e pode ocupar cada sujeito na instância do discurso” (AMARAL, 2000, p.1). Logo, no discurso publicitário em foco (Figura 1), a topografia se inscreve no espaço indeterminado da estética corporal, o lugar da juvenilidade, onde os sujeitos, enunciador-publicitário e coenunciador-consumidor, interagem.

Diante disso, para operar no quadro da dêixis discursiva, precisaríamos atualizar o quadro de referências (Esquema 1). Sugerimos, então, o quadro de referência (Esquema 2) da dêixis discursiva, como formulada pela Análise do Discurso de linha francesa. Utilizamos como exemplo a cenografia do discurso publicitário (Figura 1):



Esquema 2: Dêixis discursiva do discurso publicitário (Figura 1)

A cenografia do discurso publicitário (Figura 1) pode ser acessada pela dêixis discursiva para indagar, por exemplo, as fontes das informações, os interesses dos produtores e suas relações sociopolíticas e econômicas (REZENDE, 2016) e, também, para promover o leitor a sujeito da leitura, de forma a perceber os condicionamentos ideológicos e os agenciamentos das linguagens no interior desses condicionamentos, como propõe Buzato (2007) em diálogo com Paulo Freire. Dessa forma, o conjunto da dêixis discursiva pode ser objeto de leitura no quadro dos letramentos digitais. E, para nós, esse gesto de leitura tem implicações importantes.

Por exemplo, caso concordemos que o discurso publicitário anterior (Figura 1) tenha uma circulação mais vertiginosa no espaço digital da internet – podendo circular por diferentes *médiuns* digitais (mídias sociais, *sites*, *blogs* etc.)⁷ –, seria preciso admitir que esse tipo de discurso tende a apagar a cronografia (tempo), neutralizando os dêiticos temporais: “comece ‘hoje’ a cuidar de vc, ou deixe que o tempo faça de vc um maracujá?”; assim, o cuidado com a beleza deve começar “hoje”. Porém, isso não basta. É preciso que o território delimitado pela topografia (espaço) tenha a beleza e a juventude como valor cultural em uma dada sociedade. Isso significa dizer que o espaço indeterminado da estética corporal já está sedimentado no tecido social. É dele, portanto, que o enunciador-publicitário interpela o coenunciador-consumidor.

As cenografias construídas dessa maneira, muitas vezes, têm “vida longa” no ambiente digital. Trata-se de uma constante atualização de uma *dêixis fundadora*, ou, para usar um termo mais recente de Maingueneau (2013), recorre-se a cenas de fala validadas, positiva e/ou negativamente. No entanto, nem sempre é possível atualizar uma *dêixis fundadora*, pois, caso o discurso atualize topografias que inscrevem na superfície textual espaços discursivos êmicos (FERREIRA; FERREIRA; CHAVES, 2018; FERREIRA; BENFICA, 2020), essas *dêixis fundadoras* produzem polêmicas discursivas incontornáveis. É, sem dúvida, a parte do “negativo” da *dêixis fundadora* que o discurso publicitário tenta apagar.

Se a *dêixis fundadora* consiste, nas palavras de Maingueneau (1997, p. 42), em “[...] situação(ões) de enunciações anterior(es) que a *dêixis* atual utiliza para a repetição e da qual retira boa parte de sua legitimidade”, a legitimidade ou não de outrora pode ser negociada no momento da produção da leitura. Mas, como dissemos, o discurso publicitário – diferente do discurso político, por exemplo – procura evitar esses embates, já que visa a se comunicar com um consumidor e não com um antagonista político ou com um correligionário.

Lembremos, aqui, do caso de uma campanha publicitária da marca de cerveja *Skol* para o carnaval de 2015. Após se comunicar com os seus consumidores por meio da cenografia da esquerda (Figura 2), no *médium* de *outdoor*, fixado num ponto de ônibus, na cidade de São Paulo, a *dêixis* sofreu intervenção/coprodução de um grupo feminista, isto é, a materialidade verbo-visual, à esquerda, abrigou vozes dissonantes, o que incitou a empresa a produzir a cenografia à direita (Figura 2).

⁷ Nós recebemos esse material pelo *WhatsApp*.



Figura 2: Campanha publicitária da Skol, carnaval de 2015

Fonte: Arquivo pessoal

A empresa, por meio de seu departamento de *marketing*, apagou a *déixis* fundadora que legitimava, negativamente, a *déixis* atual. Isso significou apagar – além de um espaço e tempo histórico-ideológicos – um “enunciador (sujeito ideológico) que representa historicamente uma formação discursiva” (AMARAL, 2000), a qual fora identificada pelo sujeito-coprodutor (feministas) como sendo de uma formação discursiva sexista. O enunciador-institucional (Skol) então, passou, de imediato, a se comunicar com o leitor-consumidor, como vimos, por meio da cenografia à direita (Figura 2), em meio à acusação de apologia ao estupro⁸.

Esse caso específico nos ensina que as cenografias podem ser aceitas ou rejeitadas (negociadas) pelo sujeito-leitor. A ideia é que, no quadro dos letramentos digitais, o leitor possa assumir um papel de sujeito (BUZATO, 2007). No discurso publicitário acima (figura 2), o embate é provocado pelo conflito entre a *déixis* fundadora e a *déixis* atual, no momento mesmo da enunciação. Atuam para esse embate as condições sócio-históricas e culturais da contemporaneidade cuja posição sujeito-leitor-feminista se recusa a ser interpelado do lugar da posição que o enunciador-publicitário instaura na cenografia à esquerda (Figura 2). Na sociedade atual, há resistências importantes a *déixis* fundadoras que legitimam o machismo, o racismo, a homofobia, o sexismo etc. Porém, a resistência apenas existe porque essas *déixis* fundadoras são, constantemente, atualizadas em discursos “novos”. Aliás, as formações discursivas de resistência são constitutivas dos seus discursos antagonistas e vice-versa, num movimento recíproco de interincompreensão (MAINGUENEAU, 2008).

Observamos que, no discurso publicitário “SISTEMA TIMEWISE” (Figura 1), a *déixis* discursiva atualiza uma *déixis* fundadora de polêmica fraca, pois, nas sociedades ocidentalizadas do século XXI, o discurso da juventude é valorizado positivamente. Já no discurso publicitário da marca de cerveja Skol (Figura 2, à esquerda), a *déixis* discursiva atualiza uma *déixis* fundadora de polêmica forte, pois o discurso sexista, nas condições sócio-históricas e culturais do Brasil contemporâneo, encontra mais antagonistas do que o discurso do padrão de beleza, só para ficarmos nestes dois exemplos. No discurso do “SISTEMA TIMEWISE”, os sujeitos são interpelados numa cultura da estética corporal, valorizada positivamente em nossa sociedade, ao passo que no discurso da Skol (Figura 2, à esquerda), os sujeitos são interpelados numa cultura de construção de pautas feminista urgentes.

Por último, apresentamos dois discursos publicitários (Figuras 3 e 4) para retomar a problemática da cronografia (tempo), em particular, do efeito de sentido produzido pelo *déitico* temporal “hoje”, como vimos no discurso do “SISTEMA TIMEWISE” (Figura 1). Porém, no discurso publicitário a seguir (Figura 3), os efeitos de sentido em torno do *déitico* temporal “hoje” não produzem uma

⁸ A campanha publicitária trazia mensagens do tipo “Esqueci o não em casa” e “Topo antes de saber a pergunta”. A publicitária e ilustradora Pri Ferreira e a jornalista Mila Alves acrescentaram a seguinte frase ao outdoor: “E Trouxe o NUNCA”, feita com fita isolante preta. O resultado da intervenção foi postado no Instagram e no Facebook das coautoras, atingindo mais de oito mil pessoas. A Skol, à época, divulgou a seguinte nota: “As peças em questão fazem parte da nossa campanha “Viva RedONdo”, que tem como mote aceitar os convites da vida e aproveitar os bons momentos. No entanto, fomos alertados nas redes sociais de que parte de nossa comunicação poderia resultar em um entendimento dúbio. E, por respeito à diversidade de opiniões, substituiremos as frases atuais por mensagens mais claras e positivas, que transmitam o mesmo conceito. Repudiamos todo e qualquer ato de violência seja física ou emocional e reiteramos o nosso compromisso com o consumo responsável. Agradecemos a todos os comentários”.

“armadilha” para o sujeito-leitor, como o discurso publicitário (Figura 4), devido, acreditamos, à materialidade linguístico-discursivo-semiótica que carrega a dêixis. Com efeito, o dêitico temporal “hoje”, para funcionar em gêneros publicitários desse tipo, precisa se harmonizar com a topografia e a cronografia do momento da enunciação, ou, para sermos mais específicos, no momento da produção da leitura.

Vejamos o caso do *Circo Phenomenal*⁹.



Figura 3: Panfleto de divulgação do Circo Phenomenal, 1901

Fonte: Arquivo pessoal

Não é difícil notar que o discurso publicitário (Figura 3) que encontramos na internet nos remete a outro tempo e espaço históricos. A grafia do item lexical fenomenal com “ph”, dígrafo de origem grega [Φ- φ], indica uma época em que palavras como “telephone”, “pharmacia”, por exemplo, ainda eram escritas com “ph”, mas lidas com o som equivalente ao [fá]. Também, o uso da palavra francesa “*matinée*”, entre aspas francesas [<>], indica uma época de forte influência da cultura francesa no Brasil, no início do século XX. Além disso, a tipografia impressa no panfleto (ADAM, 2011), o estilo, os formatos e arranjos visuais das palavras revelam, de certa forma, uma simplicidade na confecção do panfleto; sem contar a cor sóbria do papel, monocromático em cinza, com as letras em preto. Assim, mesmo com o dêitico “hoje”, marcado linguisticamente no texto, é pouco provável que o sujeito-leitor contemporâneo procure, na internet, por exemplo, ingressos para garantir seu lugar na apresentação do “Circo Phenomenal”.

Diferente deste último exemplo eram os comunicados sobre *shows* do *Cirque Du Soleil*¹⁰ que circulavam recentemente na internet. O especial chamado “Cirque Connect” dava conta de apresentações que seriam exibidas no *site* do grupo e continuariam disponíveis na mídia social *YouTube*. Separamos uma delas, a primeira do especial, que anunciava, na sexta-feira, dia 27 de março de 2020, o “Especial de 60 minutos com momentos inspiradores de KURIOS - *Cabinet of Curiosities*, ‘O’ e LUZIA”¹¹. Contudo, depois de intervenções/coproduções de leitores, o texto passou a circular nas mídias sociais *Instagram*, *Facebook* e *WhatsApp*, por exemplo, como apresentamos no discurso a seguir (Figura 4).

⁹ Disponível em: <https://theatroalencar.wordpress.com/tag/circo/>. Acesso em: 13 maio 2020.

¹⁰ *Cirque du Soleil* é uma companhia multinacional de entretenimento, sediada na cidade de Montreal, Canadá.

¹¹ Os primeiros “convites” eram acompanhados de todas as marcas linguísticas de tempo, dia, mês, horário etc.

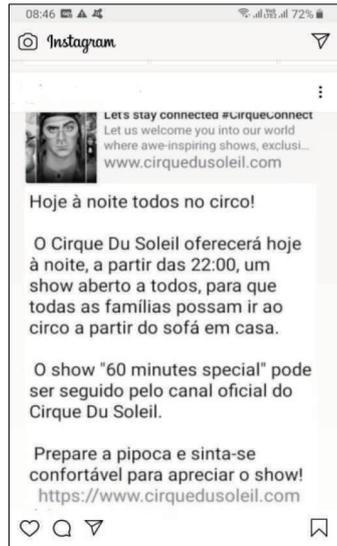


Figura 4: Convite para o show do Cirque Du Soleil

Fonte: Arquivo pessoal

No discurso acima, o sujeito-enunciador, procurador da instituição *Cirque Du Soleil*, convida “todas as famílias” para que “possam ir ao circo a partir do sofá em casa”. Em nossa opinião, a intervenção/coprodução dos sujeito-usuários na dêixis discursiva “original” produziu um efeito de sentido acrônico do *show*. Ao apagar as marcas linguísticas de calendário (dia, mês, ano) e substituir pelo dêitico temporal “hoje”, a cenografia (Figura 4) interpela o sujeito-leitor, usuário das redes, num constante devir.

Porém, a atualidade do convite – cromatismo, marca da mídia social *Instagram*, hiperlinks, ferramentas coparticipativas como encaminhar, comentar, dar *likes*, *deslikes* etc. – indica que se trata de novos *médiuns* (*médiuns* digitais) que participam, igualmente, de outros modos de produção, circulação, irradiação, coprodução, memorização e arquivamento dos discursos. Dessa forma, assim materializado, o discurso do convite (Figura 4) nos impede de decidir acerca da data do evento, embora não nos remeta, como o convite do “Circo Phenomenal”, a um tempo e espaço históricos alhures. O dêitico temporal “hoje” do discurso-convite do *Cirque Du Soleil* investe numa dêixis discursiva atópica e acrônica.

O sujeito-leitor, tomado do lugar da família, “todas as famílias”, é interpelado pela cenografia de convite para ir ao circo no momento da produção da leitura: “hoje à noite todos no circo”. De certo, o sujeito-leitor poderia ser pego numa armadilha, caso as ferramentas de coparticipação de certos *médiuns* (*Instagram*, *Twitter* etc.) impossibilitassem que outros sujeitos-usuários (nova intervenção-coparticipação) alertassem para o fato de que o evento de 27 de março de 2020, afinal, já havia ocorrido. Não obstante a esse alerta, em outros *médiuns*, como *WhatsApp*, o convite-arquivo continuou a circular, em parte, sem mais intervenção-coprodução no quadro dêitico.

Essas intervenções se propagam como um gesto de coprodução aparentemente “neutro”, pois não é novidade que, na internet, textos, imagens e vídeos sofrem intervenções dos sujeitos-usuários. Porém, esse gesto de curadoria, para retomar o termo das artes, lembrado por Rojo e Barbosa (2015), além de romper com a cisão entre autor/leitor, implica escolhas, seleção de conteúdos e de informações que não são feitas sem posições político-ideológicas marcadas, seja no gesto técnico-discursivo de (des)arquivamento, seja em intervenções/coproduções na materialidade linguístico-discursivo-semiótica. Por isso, os modos de produção, circulação, irradiação, coprodução, memorização e arquivamento dos discursos precisam ser tomados com atenção no quadro dos letramentos digitais. É preciso, pois, problematizar a aparente neutralidade da intervenção/coprodução/atualização na/da dêixis discursiva.

A dêixis discursiva, como dissemos, consiste em um primeiro acesso à cenografia de uma formação discursiva, dado que a “[...] cenografia constitui o tempo e o espaço da enunciação, onde os sujeitos se inserem e se posicionam enquanto tais (o locutor e o destinatário do discurso) (AMARAL, 2000, p. 1). Para nós, esse primeiro acesso dispensa protocolos de leitura (Cf. SHOLES, 1989). No entanto, os acessos a dêixis fundadoras e, conseqüentemente, a sujeitos, topografias e cronografias fundadores, exigem

gestos de leitura que, como propõe Lemke (2002), compreenda toda a semiose como multimodal e, apreenda, num só golpe, o linguístico e o extralinguístico da materialidade de leitura. Desse modo, num quadro de letramentos digitais, seria necessário admitir que, assim como a escrita (SOARES, 2009), a leitura, num sentido político, resulta em consequências socioculturais, linguísticas e cognitivas relevantes para o sujeito que dela se apropria.

Na próxima seção, analisaremos a problemática que estamos chamando, de modo provisório, de “efeitos de arquivamento”, em que a dêixis discursiva é transportada juntamente com o arquivo para um espaço e tempo “reatualizados” em relação aos quais foi construída/materializada.

4 EFEITOS DE ARQUIVAMENTO: UMA PROPOSTA DE PRODUÇÃO DA LEITURA NO QUADRO DOS LETRAMENTOS DIGITAIS

Entre as problemáticas suscitadas no quadro dos letramentos digitais, queremos, aqui, problematizar os modos de arquivamento nas mídias sociais na produção da leitura. O sintoma da polarização política no Brasil atual nos leva ao alerta de que a formação discursiva temática recortada por nós pode gerar muitas controvérsias em sala de aula, devido à polarização político-ideológica instaurada nas atuais condições sócio-históricas e culturais em democracias ocidentalizadas. De qualquer forma, é urgente superar o atual cenário por meio de uma ferramenta legítima: o debate no campo do dissenso¹². Visamos, assim, problematizar a “manobra” técnico-discursiva que desarquivou uma materialidade discursivo-semiótica, produzida em janeiro de 2020, e a atualizou em meados de março desse mesmo ano. Essa manobra, operada no interior do espaço digital, num gesto de intervenção/coprodução dos efeitos de sentido, produziu efeitos sociais importantes.

Em janeiro de 2020, o médico brasileiro Drauzio Varella¹³ gravou um vídeo informativo em seu canal no *YouTube* sobre o novo coronavírus¹⁴. Naquele momento, ainda não existiam casos confirmados no Brasil, por isso, Drauzio Varella deixava claro que não havia necessidade de pânico e que ele levava a vida normalmente. Contudo, em março daquele mesmo ano, o vírus avançou no mundo rapidamente, chegando ao Brasil. Entre janeiro e março, Drauzio Varella atualizava seus leitores a respeito do avanço do vírus no Brasil, além de dar informações gerais de prevenção.

Em meado do mês de março, quando o Brasil já tinha mais de 1.800 casos confirmados e 34 mortos, e a recomendação das autoridades era para que as pessoas evitassem sair de casa, o vídeo do médico, postado em janeiro em seu canal, foi desarquivado por outros sujeitos-usuários e passou a circular em um “novo” tempo e espaço, em meados de março, quando o cenário causado pelo coronavírus era bastante diferente¹⁵. O gesto técnico-discurso foi noticiado pelas mídias jornalísticas, como observamos na notícia publicada pelo jornal *Folha de S. Paulo*:

Texto [1]

Vídeo antigo de Drauzio sobre coronavírus circula nas redes como se fosse atual
Twitter apagou posts de Flávio Bolsonaro e Ricardo Salles com cena descontextualizada

Fonte: Folha de S. Paulo

¹² Como sugestão, propomos que a problemática em foco seja trabalhada no Ensino Médio.

¹³ Antônio Drauzio Varella é um médico oncologista, cientista e escritor brasileiro. É conhecido, no Brasil, por popularizar o discurso médico por meio de participações em programas de rádio, TV e, recentemente, pela Internet, onde mantém canal na mídia social *You Tube*.

¹⁴ Coronavírus é uma família de vírus que causam infecções respiratórias. O novo agente do coronavírus (SARS-CoV-2) foi descoberto em 31 de dezembro de 2019, após casos registrados na China, e provocou a doença chamada de coronavírus (COVID-19).

¹⁵ Em março, as autoridades mundiais de saúde (OMS) já alertavam sobre a letalidade do vírus. Até a versão final deste trabalho, o vírus já tinha causado a morte de aproximadamente 1.540.000 (milhões) de pessoas ao redor do mundo. No Brasil, tínhamos a essa altura por volta de 6.605.000 (milhões) de casos do novo coronavírus (Sars-CoV-2), e 177.000 mil vidas perdidas.

Noticiada pela mídia jornalística, essa manobra técnico-discursiva gerou embates em torno da recomendação – sugerida pela comunidade médico-científica – do isolamento social, a qual sofria forte pressão econômica no mundo. Sobre a manobra acima anunciada, passaram a circular “desmentidos” a respeito da veracidade espaço-temporal do vídeo desarquivado. Também, falas que tentavam, no fluxo desenfreado das (des)informações, esclarecer o “mal-entendido”. No campo do embate, surgiram, ainda, novos gestos de intervenção/coprodução que produziam a superinformação e a desinformação (PÉREZ GÓMEZ, 2015), à medida que associavam, em colagens, o vídeo desarquivado a outros vídeos mais recentes, em que o médico Drauzio Varella alertava para gravidade da pandemia no Brasil. Essas colagens e esses agenciamentos de arquivos visavam relevar a “contradição” da posição do sujeito-médico sobre a pandemia e o isolamento social em favor da abertura econômica.

O efeito social desse gesto técnico-discursivo (Texto 1) foi devastador, tanto que o *Twitter*¹⁶ removeu as duas publicações “por considerar que as mensagens podiam colocar as pessoas em maior risco de transmitir o vírus” (Folha de S. Paulo, 2020). Um dos atores sociais veio a público pedir desculpas sobre o acontecido, embora os efeitos sociais já tivessem se espalhado com o “vento” na opinião pública¹⁷. Já o médico Drauzio Varella esclareceu, por meio de sua equipe, que o vídeo fora produzido antes do vírus chegar no Brasil. A partir dessa “polêmica”, os vídeos postados no canal de Drauzio Varella passaram a conter, na cenografia digital (MAINGUENEAU, 2015, 2016), as marcas linguísticas de dia, mês e ano, e legendas em português da fala do sujeito-médico, conforme podemos observar, à esquerda, no *print* que fizemos de um vídeo recente no canal do médico (Figura 5).

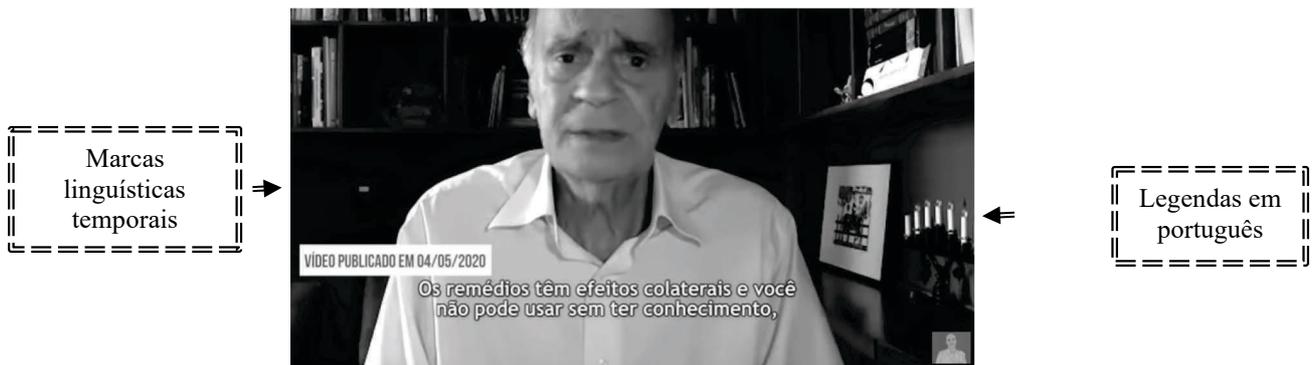


Figura 5: Print de vídeo do canal de Drauzio Varella

Fonte: Arquivo pessoal

¹⁶ *Twitter* é uma rede social e um servidor para *microblogging*, que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos, por meio do website do serviço, por SMS e por *softwares* específicos de gerenciamento.

¹⁷ O então ministro do meio ambiente, Ricardo Salles, publicou os vídeos do médico Drauzio Varella em sua conta no *Twitter*, sem informar que os arquivos eram “antigos”, dado o avanço da doença no Brasil.

As condições sociopolíticas e culturais brasileiras podem revelar a complexidade do caso em foco. Aqui, porém, gostaríamos de ressaltar que esse tipo de “manobra”, embora antiética, é comum no espaço digital da internet. Esses gestos técnico-discursivos visam não apenas irradiar a desinformação pública (PÉREZ GÓMES, 2015), como também a criar notícias falsas e pós-verdades (verdades que ainda não existem). Trata-se, de qualquer forma, de uma manobra transecular, embora, com a descentralização e a expansão das tecnologias de informação e comunicação, tornou-se mais potente e eficaz.

Inscrita no quadro dos letramentos digitais, a problemática em análise pode ser tomada por uma perspectiva enunciativo-discursiva, mobilizando a noção de dêixis, revista pela Análise do Discurso de linha francesa (MAINGUENEAU, 1997). Na produção da leitura em sala de aula, a proposta é mobilizar a dêixis discursiva para termos um primeiro acesso à cenografia, depois investir no acesso à dêixis fundadora. Com isso, é possível discutir com os nossos alunos e alunas a relevância dos modos de produção, circulação, irradiação, coprodução, memorização e arquivamento dos discursos nas mídias sociais, deixando claro que o sujeito-leitor, no interior do espaço digital, interage, de modo geral, sem a referência espaço-temporal. A experiência corporal da espacialidade e da temporalidade fica, assim, circunscrita na atopia e na acronia.

No debate em sala de aula, lançamos a hipótese de que o sujeito-leitor – coenunciador ideológico – é pego numa armadilha: ele recebe o arquivo-discurso, produzido em janeiro, no canal de Drauzio Varella, como uma dêixis discursiva atualizada. Porém, essas atualizações/coproduções sofrem algumas restrições históricas e semânticas. Como vimos, no caso do “Circo Phenomenal”, esse tipo de atualização espaço-temporal poderia ser facilmente “desmascarada” por um sujeito-leitor contemporâneo. Por isso que, no caso em análise, algumas condições tiveram que ser possíveis para que o efeito de arquivamento fosse evidenciado.

1) *As condições sócio-históricas e culturais da produção da polêmica.* Uma posição político-ideológica no cerne do Governo Federal pressionava em favor do afrouxamento e contra o isolamento social. Este último, segundo essa posição, iria, caso se prolongasse, arruinar a economia brasileira e destituir postos de trabalho. Havia, no embate entre atores políticos, uma luta retórico-discursiva para flexibilizar ou restringir a mobilidade das pessoas, conforme as pressões dos discursos econômico e médico, respectivamente.

2) *Os modos de produção, circulação, irradiação, coprodução, memorização e arquivamento dos discursos.* No espaço digital da internet, as materialidades discursivo-semióticas se apresentam aos sujeito-usuários de modo mais acessível e participativo em comparação com os espaços tradicionais (televisão, rádio, biblioteca, escola, igreja, museus etc.).

3) *As novas formas de coparticipação de sujeitos-usuários na materialidade linguístico-discursivo-semiótica em circulação no espaço digital.* Os “memes” são um bom exemplo dessas novas formas de coparticipação na produção e negociação dos efeitos de sentido. Não obstante essas condições, vale a pena comentar com nossos alunos e alunas outras condições possíveis. Por exemplo, não podemos desconsiderar os efeitos (valores, crenças, ideologias, figura pública) que o nome “Drauzio Varella” produz. Não fosse assim, não seria ele o escolhido no gesto de desarquivamento, já que, na época, circulavam diversos vídeos de “autoridades” médicas questionando o isolamento social. Também, não podemos esquecer do papel social dos agenciadores do desarquivamento. Eles falavam do lugar de ministro e de senador da República, são sujeitos políticos, mesmo operando no âmbito público-privado de suas mídias sociais (FERREIRA; FERREIRA; CHAVES, 2018). Esses efeitos de sentido, uma vez produzidos no tecido da semiose multimodal (LEMKE, 2002), precisam ser lidos num só golpe, tomando o linguístico e o extralinguístico no quadro dos letramentos digitais.

As condições atuais dos modos de produção, circulação, irradiação, coprodução, memorização e arquivamento dos discursos nas mídias sociais nos autoriza a dizer que os arquivos estão, quase sempre, disponíveis a um cem número de atualizações. Todavia, é necessário debater com os sujeitos-alunos de que maneira manobras técnico-discursivas desse tipo se inscrevem no estatuto antagonista do discurso político, por exemplo. Embora a cenografia médica interpele o sujeito-leitor num átimo discursivo, a esperada capacidade do “letrado digital” de avaliar a manobra técnico-discursiva de modo ético e transformá-la em conhecimento (BUCKINGHAM, 2010) permite descobrir discursos como o político-econômico: “afrouxamento do isolamento social”; “imunidade de rebanho”; o médico-científico-midiático: “restrições de mobilidade”, “fique em casa”; o político-religioso-midiático: “o vírus é obra do demônio”; o jornalístico-midiático-publicitário: “o novo normal”; dentre outros.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo visou examinar os dêiticos temporais na produção da leitura, focalizando o processo de produção, circulação, irradiação, coprodução, memorização e arquivamento dos discursos nas mídias sociais, no quadro de letramentos digitais, particularmente, voltando-se à possibilidade de avaliar os efeitos de sentido que os modos de (des)arquivamento no espaço digital da internet produzem. No papel social clivado de professores de Língua Portuguesa e usuários das novas tecnologias digitais de informação e comunicação (NTDICs), temos observado que a produção da leitura em textos compartilhados nas mídias sociais exige um gesto diferenciado, atento às armadilhas das quais nem sempre é possível nos desvencilhar.

No cerne dessa problemática (de modos de arquivamento e efeitos de sentido), visamos a verificação da noção de dêixis discursiva, redesenhada pela Análise do Discurso de linha francesa. Nosso interesse, contudo, inscreve-se na relação da dêixis discursiva com os modos de arquivamento dos discursos, que, conforme observamos, não pode ser tomada do modo separado, já que o quadro dêitico geralmente se atualiza na superfície textual. Também focalizamos, nessa relação, a construção das cenografias no processo de deslizamento entre dêixis fundadoras e dêixis atuais.

Tratou-se de uma percepção banal. Demo-nos conta de que os discursos textualizados na internet vão sofrendo intervenções dos sujeitos-usuários conforme circulam entre os *médiuns* digitais. Fenômeno que tem em si efeito de neutralidade e, por isso, precisaria ser mais bem examinado. Sabemos que nenhum discurso é neutro e desprovido de ideologias, crenças e valores. Em nosso *corpus* de apoio, mostramos que o simples fato de apagar a materialidade de calendário (dia, hora, mês e ano) e substituí-la pelo dêitico temporal “hoje” produz efeitos de sentido inesperados. Claro que há outros elementos que conferem atualidade a certas materialidades linguístico-discursivas-semióticas em circulação entre *médiuns*, todavia o gesto técnico-discursivo por si só pode ser ampliado e enviesado, política e ideologicamente.

A problemática dos deslocamentos de arquivos-discursos no espaço digital que nos afetou mais sensivelmente operou pelo arquivo em sua totalidade (o vídeo). O usuário-coprodutor não precisou, por assim dizer, interferir no corpo semiótico e linguístico do arquivo, ele apenas deslocou o vídeo de seu tempo e espaço “legítimos” de enunciação. Em outras palavras, o sujeito-usuário arrastou uma dêixis fundadora num tempo e espaço outro, produzindo, assim, efeitos sociais de polêmica na época do acontecimento. Por essa razão, é legítimo indagar e, de certa forma, generalizar, o *modus operandi* desse gesto técnico-discursivo no interior da rede mundial. Não queremos sinalizar, com isso, que se trata de um gesto “novo”, mas de uma velha tática que passou a ser descentralizada e democratizada com a internet.

O caso em foco produziu repercussões no mundo médico, jurídico, político e midiático. A discussão envolveu questões éticas e políticas, mas também, questões sobre a censura, o poder e a liberdade de expressão nas democracias ocidentalizadas. No caso vertente, quisemos debater com os nossos alunos e alunas sobre a necessidade ou não de juridicização das/nas mídias sociais e/ou a responsabilidade enunciativa das empresas privadas que fornecem essas ferramentas. Nesse debate, indagamos acerca das justificativas que levam sujeitos-usuários das mídias sociais a “cancelar”, atacar e ameaçar pessoas, tomando a democracia como arma de caça. Também discutimos o movimento, no campo político-jurídico, que exige a criação de normas, regras, interdições e punições para toda uma comunidade digital. Visamos, assim, suscitar outros caminhos, considerando os benefícios e o conforto que a internet trouxe à vida social.

Propomos, então, um caminho mais longo e, a nosso ver, mais seguro, em vistas da educação linguística (BAGNO; RANGEL, 2005), a fim de que os sujeitos-alunos, usuários da internet, repartam conosco a expertise adquirida por meio da experiência viva que os habilitam a dominar “[...] as poderosas ferramentas digitais utilizadas para acessar e processar as informações que interferem na vida econômica, política e social (PÉREZ GÓMEZ, 2005, p. 27). Com isso, podemos nos tornar letrados digitais (BUZATO, 2007), fomentando o debate e a reflexão acerca de uma leitura mais ética, autônoma e plural no ensino de língua materna, sem criminalizar pessoas e ferramentas tecnológicas.

REFERÊNCIAS

- ADAM, J.-M. *A linguística textual: uma introdução à análise textual dos discursos*. São Paulo: Cortez, 2011.
- BORGES, M. V. A dêixis discursiva: formas de representação do sujeito, do tempo e do espaço no discurso. *Revista do GELNE*, v. 2, n. 2, p. 1-4, 2000.
- BAGNO, M.; RANGEL, E. de O. A educação linguística no Brasil. *Rev. Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 5, n. 1, p. 63-81, 2005.
- BUCKINGHAM, D. Cultura digital, educação midiática e o lugar da escolarização. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 35, n.3, p. 37-58, 2010.
- BUZATO, M. E. K. Letramentos multimodais críticos: contornos e possibilidades. *Revista Crop*, p. 108-144, 2007.
- DEBRAY, R. *Curso de midiologia geral*. Tradução de João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1993.
- Vídeo antigo de Drauzio sobre coronavírus circula nas redes como se fosse atual. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 23 mar. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/03/video-antigo-de-drauzio-sobre-coronavirus-circula-nas-redes-como-se-fosse-atual.shtml>. Acesso em: 23 abr. 2020.
- FERREIRA, A. *Leitura, discurso e contemporaneidade: a negociação dos efeitos de sentido no espaço digital*. 2018. 285 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.
- FERREIRA, A.; FERREIRA, C. da S.; NASCIMENTO, J. Vs. A produção da leitura discursiva na enunciação do livro didático: possíveis contribuições da Análise do Discurso. *VERBUM - Cadernos de Pós-Graduação*, v. 7, n. 3, p. 106-124, dez. 2018.
- FERREIRA, C. da S.; FERREIRA, A. Diálogos entre a concepção e leitura freiriana e a Análise do Discurso. *Revista Signos*, Lajeado, v. 39, n. 1, p. 344-357, 2018.
- FERREIRA, A.; FERREIRA, C. da S.; CHAVES, R. S. As práticas discursivas da violência nas mídias digitais: Marielle Franco, presente... no espaço discursivo êmico. *Revista (Con)textos Linguísticos*, v. 2, p. 59-78, 2018.
- FERREIRA, A.; BENFICA, S. de A. A violência verbal em manifestações explícitas de preconceito linguístico no Facebook: um espaço discursivo êmico. *Rev. Estud. Ling.*, Belo Horizonte, p. 1519-1549, 2020.
- KLEIMAN, Angela. B. Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 32, n. 53, p. 1-25, 2007.
- LÉVY, P. *O que é virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996.
- LEMKE, J.L. Travels in Hypermodality. *Visual Communication*, v. 1, n. 3, p. 299-325, 2002.
- MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em Análise do Discurso*. 3. ed. Tradução de Freda Indursky. Campinas: Pontes; Universidade Estadual de Campinas, 1997.
- MAINGUENEAU, D. *Discurso literário*. Trad. Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.
- MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. Trad. de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2008.

- MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. 6. ed. Trad. Cecília P. de Souza e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2013.
- MAINGUENEAU, D. *Discurso e análise do discurso*. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2015.
- MAINGUENEAU, D. Retorno crítico sobre o ethos. In: BARONAS, R. L.; MESTI, P. C.; CARREON, R. de O. (org.). *Análise do discurso: entorno da problemática do ethos, do político e de discursos constituintes*. Campinas: Pontes, 2016. p. 13-33.
- NASCIMENTO, J. V.; FERREIRA, A. The discursives of pedagogical interaction in the teaching and learning of the mother tongue. In: ANDRADE, C. A. B.; MICHELETTI, G.; SEARA, R. (org.). *Memory, Discourse and Technology*. São Paulo: Terracota, 2016. p. 2-257.
- OLIVEIRA, Mariângela Rios de. Linguística Textual. In: MARTELOTTA, M. E. (org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 193-203.
- PÉREZ GÓMES, A. I. A era digital: novos desafios educacionais. In: PÉREZ GÓMES, Angel I. *Educação na era digital: a escola educativa*. Trad. de Marisa Guedes. Porto Alegre: Penso, 2015. p. 14-30.
- REZENDE, M. V. de. O conceito de letramento digital e suas implicações pedagógicas. *Texto Livre: Linguagem e Tecnologia*, v. 9, n. 1, p. 94-107, 2016.
- ROJO, R.; MOURA, E. (org.). *Multiletramentos na escola*. Série Estratégias de Ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- ROJO, R.; BARBOSA, J. (org.) *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos*. Série Estratégias de Ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- SANTOS, M. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Record, 2000.
- SCHOLES, R. *Protocolos de Leitura*. Tradução de Lígia Gutterres. Lisboa: Edições 70, 1989.
- SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- STREET, B. V. *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- VATTIMO, Gi. *A sociedade transparente*. Tradução de Hossein Shooja e Isabel Santos. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.



Recebido em 29/07/2020. Aceito em 11/12/2020.